

A CIDADE, O CINEMA TRANSNACIONAL E A TRANSCULTURALIDADE

José Vinícius Reis Gouveia¹; Angela Freire Prysthon²

¹Estudante do Curso de Cinema e Audiovisual - CAC – UFPE; E-mail: vrgouveia@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Cinema e Audiovisual – CAC – UFPE. E-mail: prysthon@gmail.com.

Sumário: O objeto central desta pesquisa é a investigação sobre as relações entre a cidade, o cinema contemporâneo e a transculturalidade. Partiu-se da hipótese de que o cinema contemporâneo passa por uma releitura do sujeito contemporâneo e do espaço que ele habita. Não apenas à nível temático, mas também formalmente, na estética, montagem e linguagem cinematográfica. Serão discutidas as conexões entre a cidade pós-moderna e o pós-modernismo fílmico a partir da emergência de um cinema transnacional, a centralidade da imaginação nostálgica no cinema contemporâneo e sua relação com a representação das cidades e a questão da identidade do sujeito contemporâneo. Utilizamos análises fílmicas aliadas a estrutura conceitual do pensamento pós-moderno e dos Estudos Culturais. Para este resumo, selecionamos o filme “Os Famosos e os Duendes da morte”, que leva à tela questões que guiaram esta pesquisa, como a pós-urbanidade representada pelo habitar atópico, uma linguagem cinematográfica mais fresca graças às novas tecnologias de captação de imagem e a nostalgia que impregna o sujeito e as obras deste período.

Palavras-chave: cidades; cinema; habitar; nostalgia; pós-modernidade

INTRODUÇÃO

A primeira etapa de “A cidade, o cinema transnacional e a transculturalidade” preocupou-se em estudar sobre a relação de identidade e pós-modernidade. Stuart Hall foi precioso para compreender o quão fragmentária é a identidade contemporânea, caracterizada como um amálgama formado de diferentes paisagens sociais, móvel e dinâmica, mutante em função dos contextos subjetivo e externo. Devido à quantidade de informações que nos bombardeiam via mídia de massa, reforça Frederic Jameson, as imagens são a matéria-prima do repertório do homem contemporâneo. Sejam elas verdadeiras ou falsas, as imagens adquirem status de real e estão impregnadas de valores simbólicos e agregados, sendo responsáveis pelo DNA da identidade do sujeito pós-moderno.

Refletimos sobre o sujeito em sociedade porque queremos chegar às cidades. Deste espaço, nos preocupamos com a parcela subjetiva, formada por imaginários, representações e afetos que o constitui. Elas são frutos de um processo temporal, social, econômico, etc. Não pensamos aqui numa abordagem teleológica, mas em novos arranjos da sociedade que acontecem graças a diversos fatores que a constituem. Sem julgamentos, mas cada configuração devedora aos períodos anteriores.

É sobre estes novos arranjos que Massimo Di Felice enxerga uma nova urbanidade, ou melhor, a pós-urbanidade. Ele aponta as relações entre a dimensão política da civilização urbana e a dimensão relacional virtualmente possível com as linguagens digitais. Di Felice escancara o fim do habitar como conhecemos, apontando a internet e outras mídias digitais como um novo espaço de convivência. É uma fuga do palpável para o digital, mas no sentido de complementariedade, não de exclusão. Isso é o que ele chama de *habitar atópico*, que enxerga uma relação em rede entre os meios, sendo as redes sociais extensões desse habitar meramente físico, que acreditávamos que era o único possível. Os pensamentos de Di Felice são substanciais para a nossa pesquisa; superar a corporeidade

da convivência e dos espaços urbanos é um traço essencialmente pós-moderno visto que antes não existia tecnologia para isto, era inexperienciável.

É o habitar atópico e as ideias atreladas a este conceito que passam a direcionar a nossa pesquisa. Nosso objetivo é investigar as articulações entre a cidade e o cinema através da leitura do espaço urbano no cinema contemporâneo. Nossa hipótese é que esta forma de habitar já é vivenciada pelo homem e agora passa a ser representada também nas telas de cinema. Afinal, se mesmo a identidade da sociedade está sendo formada por telas, por “coisas intangíveis”, por que a nossa forma de habitar também não pode ser menos ligada ao físico e alcançar este patamar de intangibilidade e ausência de corporeidade?

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto teve uma metodologia interdisciplinar que mesclou a teorias urbanas e sociológicas com a análise material do cinema; que combinou a estrutura conceitual do pensamento pós-moderno e dos Estudos Culturais com a análise fílmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visto que as experiências urbanas passam por um momento de reconfiguração, pesquisamos obras que abarcassem as novas formas de interações sociais nestes espaços. Parece natural que a nossa seleção fílmica seja multicultural e que os filmes selecionados pertençam a um recorte temporal bastante recente, frutos de cineastas sensíveis a essas mudanças sociais, afetivas e urbanas.

Nossa filmografia é formada por *Amantes Eternos* (*Only lovers left alive*, 2013, Jim Jarmusch), *Os Famosos e os Duendes da morte* (2009, Esmir Filho), *Medianeras: Buenos Aires da Era do Amor Virtual* (*Medianeras*, 2011, Gustavo Taretto) e *Nova Dubai* (2014, Gustavo Vinagre). Privilegiamos a análise de apenas 1 filme, visto o limite deste resumo. Manteremos alguns paralelos com as demais obras desta filmografia apenas para avultar diferenciações e, através delas, reafirmar as questões do filme escolhido para este resumo.

“Os Famosos e os Duendes da morte”: a pós-urbanidade nostálgica

O protagonista de “Os Famosos e os Duendes da morte”, que nunca é nomeado, é ainda tábula rasa. Se os vampiros centenários de “Amantes Eternos” tem referências demais para compor suas identidades, o jovem ainda tem muito pela frente, é um adolescente que está construindo sua personalidade. Embora viva numa cidade pequena, ele em nada perde para jovens de cidades grandes, pois sua presença na internet o mantém em contato com diferentes referências, com o mundo. O filme de Esmir Filho não julga os benefícios e malefícios da identidade formada pelo bombardeamento contemporâneo de imagens, ele aborda justamente o início dessa formação.

A cidade, uma pequena ex-colônia de europeus, é curiosamente multicultural pela fluidez que os habitantes vão e vem nas identidades ligadas ao Brasil e à Europa. As identidades deles perpassam diversos reconhecimentos que transcendem estados nacionais. A cidade é marcada pelo campo, um aspecto interiorano. Nas poucas tomadas, ela costuma ter um horizonte ou caminhos que sempre levam a outro lugar, como se sempre houvesse algo além do que é visto. A ponte, importante na cidade, é um símbolo disso. No filme, o protagonista passa pelo dilema entre transpassar a ponte ou se jogar dela, como outros fizeram antes.

“Os Famosos e os Duendes da morte” lida com o habitar atópico apontado por Massimo Di Felice. Usando as palavras do autor, “o resultado do surgimento desse novo social interativo e ilimitado (*possibilitado pelas redes sociais/internet/etc*) é a construção de uma sociabilidade e um habitar pós-territorial”. Ele mantém diálogos via *chats* e descobre músicas. É a “vida real” e a internet que compõem a personalidade, a identidade do

protagonista. Elas se complementam e oferecem uma nova experiência ao sujeito. A câmera de Esmir Filho costuma, praticamente, imergir na tela do computador. Em closes, ele nos coloca no mundo virtual habitado pelo protagonista de seu filme. As inserções das telas são sempre de interações sociais, como blogs, chats ou fotos em redes sociais.

A linguagem cinematográfica empregada parece estar mudada e isto parece estar relacionado a este momento pós-moderno. Esmir Filho faz uso de diferentes texturas fílmicas. Ele encontrou uma estética interessante para as câmeras digitais utilizando a imagem pixelizada delas, criando uma textura ruidosa proposital, consciente e consistente. É como se ele previsse que as câmeras digitais também ficarão no passado e atingirão o status de *cult* das super-8, que hoje são símbolos de um esteticismo nostálgico. Nas imagens noturnas, as luzes estouram e é mais difícil enxergar visto a qualidade das câmeras portáteis digitais. Nas imagens diurnas, falta foco, vemos pixels e as cores são confusas por conta do filtro de luz.

Esta pesquisa defende os meios digitais como os novos locais de convivência, o início deste momento pós-urbano. Mas existem sentimentos impregnando estes sujeitos e seus habitats. Falamos da melancolia e nostalgia contemporâneas.

Como aponta Linda Hutcheon, na nostalgia o passado é idealizado, olhamos para ele e esquecemos dos seus pontos negativos. Na nostalgia, as faltas são sanadas pelo passado. Tais “presenças” nunca existiram, mas são fantasiadas e encaradas como solução.

Em “Os Famosos e os Duendes da morte”, o protagonista sofre de uma nostalgia pelo seu passado recente que ainda o assombra. Ele se mantém num constante exercício de rememoração. É através deste esforço, sublinha Pam Cook, que o sujeito exorciza o passado para viver/repensar o presente. É uma postura melancólica, pois suas lembranças sempre o levam a uma personagem morta, às ruínas. Ele acredita ser possível retomar algo mesmo que esteja claramente terminado e no passado. No lugar de imagens sépia ou P&B, Esmir Filho prefere, para as cenas das memórias do personagem principal, a estética das câmeras digitais para representar o passado, assumindo a textura pixelizada e a luz estourada.

Não parece suficiente pensar nestes novos espaços e nos sujeitos que os preenchem sem pensar no que preenche estes sujeitos. Embora a mira da sociedade contemporânea esteja no futuro e nas novas tecnologias, o sujeito contemporâneo é impregnado de nostalgia.

CONCLUSÕES

Trabalhar com um tema essencialmente contemporâneo, olhar para o próprio tempo, gera leituras diferentes. Os autores utilizados não tem posturas excludentes e sempre deixam claro que fazem proposições, tateiam o agora. Ainda assim, o discurso é coeso.

Desde o princípio, a pergunta desta pesquisa foi: como o cinema trata os espaços urbanos contemporâneos? Por isso, pode parecer estranho apontar a internet como saída. Mas ela parece ser. As reconfigurações da sociedade pós-moderna, notadamente o descentramento do sujeito, seu caráter nostálgico e as transformações no espaço urbano, foram possibilitadas principalmente pela tecnologia que encurtou distâncias e tempo. Todos estes conceitos estão dentro de uma retranca maior, a da pós-modernidade. A internet é um novo espaço de encontros, que não exclui os físicos. Habitar a internet é direcionar-se a experiências pós-urbanas não porque as cidades irão sumir. Mas, sim, porque a urbes passa(rá) por redefinições ontológicas, políticas e estéticas, onde a internet deve ser parte indissociável de qualquer experiência urbana.

“[os novos rumos das cidadanias contemporâneas] parecem desenvolver-se com mais velocidades, em mais lugares ao mesmo tempo. (...) Assistimos, então, à passagem do mundo objetivo e

arquitetônico para os mundos plurais e interativos, feitos de pós-geografias informativas que determinam a superação da cidade e o advento das paisagens pós-urbanas. (...) As transformações, em termos de concepção e da prática do habitar são consideráveis, como também seu impacto nas relações sociais.”

(DE FELICE, 2009)

AGRADECIMENTOS

Agradece-se à Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela aprovação e auxílio financeiro destinado ao subprojeto. Aos professores André Antônio, Tiago Soares, Rodrigo Carrero, Nina Velasco e Chico Lacerda. Finalmente, a minha orientadora, Angela Prysthon, por ter me despertado a vontade de pesquisa no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI**, Nestor Garcia. Imaginários da cidade: Conhecimento / Espetáculo / Desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (org.). A cultura pela cidade. 2008.
- COOK**, Pam. Screening the past: memory and nostalgia in cinema. 2005.
- DI FELICE**, Massimo. Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicatórias do habitar. 2009.
- JAMESON**, Fredric. Espaço e Imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios. 2004.
- HALL**, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 2006.
- HUTCHEON**, Linda. Irony, Nostalgia, and the Postmodern. 1991.